

FHC inicia transição

Vicente Nunes
e Matheus Leitão
Da equipe do **Correio**

O mercado financeiro voltou a demonstrar que testará até o limite o poder de fogo do Banco Central para conter a alta do dólar. Desde a abertura dos negócios, ontem, houve forte pressão sobre a moeda norte-americana, provocando grande movimentação no Palácio do Planalto para reverter o clima de pessimismo que domina o país.

Assustado com o mau-humor dos investidores, que se recusam a considerar um bom negócio o empréstimo de US\$ 30 bilhões do Fundo Monetário Internacional para o Brasil, o presidente Fernando Henrique Cardoso pediu a seus auxiliares para marcar uma reunião com os candidatos à Presidência da República. Ele quer retirar de cada um deles o apoio formal aos termos do acordo com o FMI. Dos

US\$ 30 bilhões aprovados pela instituição, US\$ 24 bilhões serão desembolsados em 2003.

Segundo expectativa dos operadores de dois importantes bancos estrangeiros, o presidente deverá repetir aos quatro políticos a seguinte análise sobre as razões da persistência da crise do dólar: 1) Escaldados com os fortes prejuízos que tomaram na Argentina e nos Estados Unidos, especialmente com escândalo da falência da Enron, os bancos estão fugindo de novos riscos; 2) Além de todas as providências já tomadas pelos candidatos para conferir credibilidade a seus programas de governo, é preciso que eles dêem mais um passo. Precisam adiantar decisões sobre nomes de suas equipes e medidas concretas para consolidar a economia que se comprometem a adotar logo após a posse.

A movimentação do Planalto se intensificou depois do fechamento do merca-

FRASE

"Cada disparada do preço do dólar representa a diferença maior em favor de Ciro contra Serra na preferência do eleitorado"

CARLOS GUZZO

*Diretor de Mercado de Risco
do BES Investimentos*

da Casa Civil, Pedro Parente, divulgar nota sobre o encontro com os presidenciáveis. O dólar foi cotado a R\$ 3,15, com valorização de 4,3%. O risco-país disparou 10,7%, atingindo 2.219 pontos. O Brasil retornou à terceira posição de mais arriscada nação para o capital

estrangeiro, ultrapassando o Uruguai, cujo sistema financeiro esteve à beira da falência na semana passada.

Nessa lista, o país só está atrás da Argentina (6.888 pontos) e da Nigéria (2.712 pontos). A Bolsa de Valores de São Paulo caiu 2,62%. O C-Bond, título mais negociado da dívida externa brasileira, registrou desvalorização de 5,41%, cotado a US\$ 0,52 — isto é, metade de valor de emissão.

"Todos esses números refletem a distância cada vez maior entre os candidatos do PSDB, José Serra, e do PPS, Ciro Gomes, nas pesquisas de intenção de voto", afirmou o diretor de Mercado de Risco do BES Investimentos, Carlos Guzzo. "Cada disparada do preço do dólar representa a diferença maior em favor de Ciro contra Serra na preferência do eleitorado", ressaltou o executivo. Na sua avaliação, o mercado sabe que a munição efetiva do Banco Central é de aproximadamente US\$

15 bilhões, e não se intimidará em especular com o valor futuro da moeda norte-americana.

Na última pesquisa do Instituto Vox Populi, divulgada no domingo, Ciro apareceu em segundo lugar na preferência do eleitorado, com 29%. O líder Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, tinha 34%, mas perderia no segundo turno em uma eventual disputa com o presidenciável da Frente Trabalhista.

A ação do governo para acalmar o mercado envolveu, também, o presidente do Banco Central, Arminio Fraga, e o ministro da Fazenda, Pedro Malan. Logo pela manhã, Fraga disse que o BC poderá oferecer novas linhas de crédito às empresas brasileiras, que não estão conseguindo refinanciar suas dívidas no exterior. Este mês, vencerão quase US\$ 2 bilhões entre principal e juros das dívidas. Débitos que os bancos estrangeiros se recusam a alongar.

RISCO BRASIL

Com a alta de ontem, o país voltou para a terceira posição na lista das nações mais arriscadas para o capital estrangeiro, atrás da Argentina e da Nigéria

